

A TAL CHAMA

Roberto Bozzetti

O TAL FOGO

A TAL CHAMA

O TAL FOGO

© Roberto Bozzetti, 2008

© Oficina Raquel, 2008

Produção, projeto e artesanato
Oficina Raquel

Bozzetti, Roberto. A tal chama o tal fogo.
Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2008. 104p.

ISBN 978-85-61129-03-3

I. Poesia Brasileira 2. Roberto Bozzetti

Oficina Raquel
www.oficinaraquel.com

“que este livro dure até antes do fim do mundo”

A TAL CHAMA

Roberto Bozzetti

O TAL FOGO



ÍNDICE

PREFÁCIO

O TAL LIVRO, O TAL POETA NOTURNO,

por Marcelo Diniz II

AB (...)ISTMO 17

I.

- | | |
|----------------------|----|
| 1. BATISMO | 19 |
| 2. ATEU | 20 |
| 3. VERÃO | 21 |
| 4. MUNDANO | 22 |
| 5. UNICÓRNIO, TALVEZ | 23 |

II.

- | | |
|---------------------|----|
| 1. POEMA EXPULSO | 29 |
| 2. SEIS ANACRONIAS | 33 |
| 3. SÉTIMA ANACRONIA | 35 |
| 4. A VOLUPTUOSA | 36 |
| 5. VISCERAL | 37 |

III.

- | | |
|---------------------------|----|
| 1. VÉSPERA | 41 |
| 2. BAR MONDEGO | 44 |
| 3. A TAL CHAMA O TAL FOGO | 46 |
| 4. (AINDA) DA CRUELDADE | 61 |
| 5. AQUELE DIA, DE TARDE | 62 |

6. DE DENTRO	66
7. A VOZ DO OSSO	68

IV.

1. BLAGUES	73
2. ELO ELO	75
3. AULA DE TIRO	76
4. TRAÇOS	78
5. A ÁGUA PRIMORDIAL	91

SEPARATA:

O RISCO (DO LIVRO)	93
--------------------	----

AFINAL	97
--------	----

O TAL LIVRO, O TAL POETA

Marcelo Diniz

Salvo engano ou arredondando o tempo passado, li pela primeira vez este livro há vinte anos. Roberto Bozzetti deu-me uma cópia datilografada em máquina elétrica e reproduzida pela xérox utilizada pelos alunos do curso de Letras da Universidade Federal Fluminense. Que este dado extrínseco aos poemas sirva não apenas como um detalhe nostálgico, mas, sobretudo, como a cifra da auto-ironia, por vezes séria, por vezes cômica, com que é vista a poesia por este livro.

Deixo, portanto, ao leitor o prazer de descobrir um exímio poeta inédito há duas décadas. Sempre me encantou a plasticidade com que a sintaxe, o enjambement, a rima, o anagrama, o ritmo e a espacialidade se combinam nestes poemas de Roberto Bozzetti. Trata-se de uma consciência dos problemas formais que, decerto, considera muito do que a poesia brasileira produziu durante os anos 90 e o início deste século. Lêem-se Bandeira, Drummond, Murilo, Cabral, Concretistas, Sebastião, Alvim. Ouvem-se Cartola, Cavaquinho, Lupicínio, Paulinho. Traduzem-se Mallarmé, Rimbaud, Baudelaire. O repertório de Roberto Bozzetti, nos anos 80, é da riqueza do moderno, do erudito ao popular, da poesia à prosa. Que fique o parágrafo a respeito da pertinência de seus valores formais como mais um dado da ironia do ineditismo deste livro.

Por vezes dissimulada de simples esquecimento, a recusa marca a história destes poemas. Trata-se de certa enunciação narrativa que confere unidade temática ao livro. Os poemas AB(...)ISTMO, BATISMO, de títulos anagramáticos, representam o nascimento dessa enunciação que ao final do livro se apresenta como uma reflexão, em separata, a respeito dela mesma. E neste roteiro, assiste-se à negatividade com que a enunciação se considera do início –

a honra que me orna, inútil
numa compota de vermes.
[de AB(...)ISTMO]

OK, eu prometi de novo e
descumpri. gato, pulha
qual o nome que se dá
qual o nome desde então
adquiri?
[de BATISMO]

–ao último poema cuja ambigüidade do título –O RISCO (DO LIVRO)– faz com que o livro hesite entre a simples recusa, os perigos de fazê-lo, ou sua redução a um traço. Bozzetti não só reflete em seus poemas o tema da subjetividade e da negatividade que perpassa a poesia moderna, bem como a representa no próprio estatuto com que o livro se dá ao leitor: esboços nascidos da recusa.

Da contingência existencial à contingência da própria escrita, se é possível conceber essa narrativa da

da recusa como unidade temática deste livro, a auto-ironia, a sugestão do inacabamento ou mesmo da impossibilidade fazem de cada poema um mesmo poema retomado, rasurado, recusado. Destaque-se o poema TRAÇOS, em que a reflexão acerca do peixe é reduzida ao feixe desfeito de seu nome na última página. O recurso formal da espacialização pelas páginas de TRAÇOS parece ecoar no lirismo urbano e amoroso do poema SÉTIMA ANACRONIA:

fosse só atravessar e num
mesmo movimento
apagar estancar zerar
e viver como se a mentira não fosse a água
a água

Uma enunciação da escrita como derrisão auto-irônica, tal como se define o papel das letras no POEMA EXPULSO:

letras riem das palavras
(nem poderia ser diferente)

Pode-se dizer que os poemas deste livro sobreviveram ao próprio ceticismo com que foram concebidos e conservados nestes vinte anos. Devote-se essa sobrevivência ao desejo arrevesado de fazê-lo e à dissimulação de assumi-lo expressos com certo humor que tempera as pretensões de sua (r)enunciação. Lê-se este livro rindo-se de si, de seu autor e de toda literatura gauche a que ele faz menção.

Este riso talvez seja o índice de maior inteligência desta poesia de Roberto Bozzetti, um livro-riso, cujo prazer consistisse em se pensar nas hesitações da iminência e de sua tentadora alternativa:

há quases
que vêm para bem.

É com este humor que esta edição incorpora suas duas décadas de atraso. Vale dizer que *A tal chama o tal fogo* só chegam às mãos do leitor depois de muita insistência. Para que aceitasse a proposta de publicá-lo, Roberto fez-se vítima de assédios, ora explícitos ora sutis e ardilosos, por parte amigos que o queriam publicado. Que o leitor também leve em conta, nesta publicação, a empresa sensível e generosa de Ricardo Pinto de Souza com sua Oficina Raquel, afinal, de um livro quase definitivamente inédito, apresentamos esta bela edição.

A TAL CHAMA

O TAL FOGO

AB

a honra que me orna, inútil
numa compota de vermes.
o lábio flébil
trêmulo temor nas mãos
as volutas volúveis dos olhos
baboseiras de canto da boca
nem um som
 só um gemido
o sonar captou:
a equipe de resgate apurou
os ouvidos para a omissão.
apurado: eles são
eu não, eles vão
eu vão
fútil lusco-
-fusco ilusão

ISTMO

I

BATISMO

OK, eu prometi de novo e
descumpri. gato, pulha
qual o nome que se dá
qual o nome desde então
adquiri?
o nome do bicho que ronrona
e se recosta na almofada
e não tem dono e não tem
jeito que se dê se encontra
uma poltrona, que se deita
tá na lona moral, tá
na última zona astral
tá fazendo mal a quem tá certo
tá pilhando a mão do macaco
tá de longe espiando o movimento
diga diga o nome: esperto pulha
salafrário malandro malandro
otário gato, Adão
de cara pro deserto.

ATEU

por pouco não aprendi a fazer prece
a dizer: Senhor,
(e virgular após)

perdi-me numa profusão de etcéteras
por que teria de pedir

melhor manter para sempre a espinha ereta
e prosseguir

a ver se o mundo novo enfim me aparece

VERÃO

veremos agora
se esta besta presa
solta o berro da animalidade.
língua do ventre
acesa
pelo mesmo sol
entre carnadura
e pão

corpo eucarístico
tua pouca armadura
pra neons e olor
nenhuma fuga
obterá perdão

rolo animal
pelái
abdominal

entra o verão.

MUNDANO

para Drummond

é fácil o mundano
e quase a ele me entrego
nego-o
perdas e danos daí advêm
mas é mais roçar por ele
o meu lugar
há quases
que vêm para bem.

UNICÓRNIO, TALVEZ

o meu animal me exige ao me exibir
uma tarde—a sua
vazia.
ele me incita e ao segui-lo
desaprendo a cantar e desarticulado
encaro de frente meu nome que se apaga
nas poucas inscrições que furtei aos muros da noite.

nenhum encanto
esperar de mim
nem sou capaz de saber o que ele espera
—o meu sumiço, arrisco—
e por aí seguimos
a minha boca é o gosto que tem
e seu contorno. nenhum som
apenas o hálito (talvez sua fome)
até que a insistência faz alguém acenar
por exemplo: na agenda de telefones.

nessas horas quase sempre é tarde
e ele some e
quando chega a hora sou
só eu, só um homem
um homem só e homem. hei de ficar de
vigília até

que enfim o dia ardendo finde.
soprou um nome... teresa, ana, moema
não seja a agenda e sim uma esquina
os trabalhos do acaso em sua oficina
a me trazer em quase torpor a voz e
a cara cara a cara
de outra pessoa a me encontrar após
—logo logo—
sua história pessoal de solidão
como quem arruma trastes acumulados
e se apraz nesses logogrifos
até que se escolha—sujeito e objeto
o centro feroz de seu sortilégio

quando então já tarda. a carne
cheira a chamusco.
o meu animal anseia por atrito
e fendas, fissuras e sussurros
fluxos, cuspos.

agora ele exige álcool e quer que eu
o deixe. volto a dizer meu nome e ao repeti-lo
(ele some) dizem de volta e eu enxergo o eco
ergo sum

alguém me pergunta: seu signo?
a hora do seu nascimento?
e na China? TUI e o santo?
parto normal, cesárea, ocupação
TUI carga horária
conferem nos documentos
a tudo respondo apenas
que é só por mim, não por ele
deixado no esquecimento, à espreita
no fundo copo
rondando as mesas vizinhas
querendo morrer no cinzeiro

qualquer programa
(desde que o tenha comigo) eu curto, mas
entorpecido, luta
para se manter desperto
(por isso ele é um bicho raro)
e nem se queixa.

me cobra o homem que fui na idade madura
e spatifa a minha coleção de olhares
–o olhar sobre o ombro o
olhar entre copos o olhar
docegaio o olhar sob as ondas
se arrepende e me bebe as lágrimas
como faria qualquer touro que amasse a sua puta

antes de expirar
ainda me aponta a tarde
—sempre me aponta a tarde—
ao sentir que não vige seu rapto noturno.

morto ou extraviado, nem por isso
sou capaz de dizer-lhe a cor
que tenha; o porte; marca de nascença.
não é que não tenha
ou ele não venha
súbito
cobrar na carne minha não-sabença
(é outro risco que corro)
nem seja etérea a sua compleição:
nem sequer a minha fantasia
ele alimenta.

um maçõn e um cigano não têm mais razões
que eu a conservar segredo.
os pegureiros com seus cães farejam
e não nos sentem o cheiro.
munidos das senhas cotidianas
diáfanos e banais
nada se nos interpõe
(flauta e sax, vou vivendo)
exceto a morte.

II

para Sandra Lucia

POEMA EXPULSO

as palavras abrem falência
e os minutos duram os dias

a dançarina e seu perfume
não sabem meu telefone

eu vou de novo
pra dentro dos engarrafamentos

terei cuidado com o menino
assim também com seu carrinho

dou a mão e atravesso o vento
a fuligem a zombaria o dismantelo

chegamos do outro lado
com o apuro dos sonâmbulos

sonho o relento e o ninho
sonho no meu pesadelo

(meu glorioso São Cristóvão
portador de Cristo, intercedei por nós)

outro dia que me vi
andando como há muito tempo
no zumbido dos zumbis
no prumo do meio-fio

a cidade me especula
cheia de pretos bonitos

tenho medo do minuto, do milênio
do eterno e de certas nucas

tenho medo da pele e de farpas
de vidros que o corpo expele

também de expelir silêncio
no tráfego das palavras

uma cidade estrangeira
me aguarda sem pressa
me guarda sem receio

compro a passagem e sigo
mas rumo ao engarrafamento?

vendo a vida e volto?

que portugal ou espanha
me seduz com seus arabescos
esguias ancas omoplatas abismos
de negros pentelhos?

que letra zomba ainda
de fora do desassossego?

que s ou f me falha
me salga? – tudo é fascínio

dentro de todo perigo
o mesmo que sou me guarda

de como antigamente
o mesmo engarrafamento
súbito me expele – cuido
do meu menino, penso tê-lo
perdido perdido no movimento

de irrevir, vindo sempre vindo
no indo, no v, no verir

letras riem das palavras
(nem poderia ser diferente)

letras não fissuram a urgência
nem o frio nem o ardor
do instante seguinte à fala

letras são toda potência.
Inda assim melhor não dizê-lo

quanto ao amor, a tela onde
tecê-lo será dada de súbito.

SEIS ANACRONIAS

I

quanto tentei acompanhar o carne adolescente
que solfejei na porta do alumbramento
lábios que refutei por medo
na loja do mundo simples
onde nos condenamos à felicidade.

II

finjo que ali não tem o que procuro
e adiante embaraço os pés
nos cadarços dos sapatos.
mereço o tombo embora
me iluda: navio, me digo
e não calçada.

III

aquela noite te acordei e fui te arrastar
com toda volúpia
pra te dizer que o primeiro amor morreu
o segundo amor morreu
o grande amor não era
e cantar-me a tardia adolescência.
para mim. para meus ouvidos
desabotoados.

IV

pergunto entre um significado
e o itinerário daquele ônibus
entre o esmalte das carrocerias
e o verniz das carcaças, o sono
e o deambular da espécie
rumo ao mar
lêmingues

V

na manhã – embora de estiletos
acarinho a vida: seu dorso de terciopelo
a mão vai se tornando minha
a voz zela à bocca chiusa
o adeus à terra prometida

VI

melancólico ectoplasma medusado fogo flâmula
o varredor vai acumulando palavras recolhidas
junto ao meio-fio.
saio de novo para a velha manhã
bonita e desabitada de palavras.
ele continua lá. varrendo.
o ajudado – mtaadoâfperolasnolli
fora as que ficaram
mal varridas.

SÉTIMA ANACRONIA

poder apagar a cidade
relógios e galerias
todas as calçadas toda a memória dos passos
todos os calendários virados.
não se pode estancar a
continuidade da cidade na cidade
do homem na cidade
do homem
como se
–cadê o privilégio dos caminhos?–
fosse só atravessar e num
mesmo movimento
apagar estancar zerar
e viver como se a mentira não fosse a água
a água

A VOLUPTUOSA

me des
abotoava de alto a
baixo e em cada
beijo entre-
me dizia: só
curiosidade
(mais o desejo que
(ela não dizia (entre
/meteu a mão as beijo)sim/
retilínea e ín
greme infrene
foi até o fim
entre
colando língua olho
glande
-cortando
sedosaesguiame
des

VISCERAL

*Nous volons au passage un plaisir clandestin
Que nous pressons bien fort comme une vieille orange.*

Baudelaire

vinho vagabundo
é o que me cabe:
o quanto

véspera ganha
à cidade
furto ao cotidiano

tudo
para rever a pessoa certa

num tempo de antes se dizia:
prelibar
os lábios em íntima
festa

(vinho vagabundo
as verdades são essas)

até que se parte
nessa parte a estória:
chegam os intrusos

então me servem um prato
de pardais epiléticos
&
me propõem um papo
meio burro
meio estético

exijo uma porção
de vísceras
(depositárias de secreções malcheirosas
excesso de nervos, membranas
mais vida no mais cadáver
precisam ser muito lavadas

despejo vinho vagabundo
o quanto
sobre os restos
e com pão profano
sacio-me de estertores
até limpar o prato)

mostro a língua. páprica
e vinagre
tempestades
—os poetas da bonança
morrem gordos
à míngua

(e já sem nenhum espanto
que irrompa pelos fundos

um poema de frente
os fulmina
no entanto)

levanto.
lábios de vinho
buscam outros
sem mistério

pelo desenho úmido
adivinho o que não é boca

pela noite vamos.

III

VÉSPERA

e como eu lambesse a cria
a cada passo do caminho
parece que das coisas ficava
cada vez menos vestígio

a sombra de morto desejo
em parede repentina
tornada risco futuro
e logo rasurada a frio

o olho que, percebi, foi indo
a cada passo sozinho
distante do corpo resto
que a distância parecia

fazer menção de segui-lo.
e nada. muito tropeço
por vir, muito novelo, muito
amargo qui nem jiló

a cada passo do caminho.

parece que é fictício esse
jeito de ir tocando, parece
que alguma porta, de cara
para a aurora me espera.

parece. de mim para mim
pergunto, entre penugem de coxas,
vencido o atrito do brim
na pele da boa amiga.

que desafio o tédio
no seu silêncio espreita?
como prosseguir, invento
a pergunta em bom cinismo

que é só um modo de fala

(as pessoas, duas a duas,
não fazem mais do que sala

não querem mais nada a não
ser que a luz se apague
e se resfoleguem nuas
saudosas de habitarem

ilhas que durem apenas
a firme poesia da carne)

por que resisti à sedução
e fiquei por aqui? lambendo
palavras que nem escrevi.
nem chega a suicídio

nem cheira à combustão
do que neguei à escrita
e não queima, como queima
esta casa, sim, esta cara

a dispersão da vida
água de espanto feita
queimada de matéria fruto
não-palpável de pouca

crença. creio que é queimar
o mudomonstrengo que pesa
e em sua queda me cria
cria de no entanto nada.

BAR MONDEGO

mas o homem espia o homem, inexoravelmente
Ciro dos Anjos

falas baixo
–sim?–
assim
te vigio
quase acaso
encostada no ombro
passas
num braço
(que nem um pedaço
tudo aceso
para mim
teu caso
o mar inteiro
diviso
do basculante
do banheiro
noturno
cartão-postal
do Rio de Janeiro
felinas pupilas
mijando
bebendo
milhares)
não ouço

quem ouve
é outro
sucede
que o outro
é sucedâneo.

A TAL CHAMA O TAL FOGO

no corpo do fogo
o amor é eterno

cabrocha do poeta
piso um salpicado
de estrelas caídas
amor

— que fazer?
assoalho suicida

no espelho o brinco só
me devolve o só o
brinco o espelho só
me devolve o enredo:
mãe
eu tenho medo

repito:

dor de corno

eterna

no corpo

do fogo

a mariposa por destino abrasa
a asa seu debrum em brasa
enquanto me debruço no balcão
vômito brasa chama chamo
não vejo a hora de chegar
em casa conformar-me em rima
e jantar a morta idade
que a mesa me ceve
pepinos em conserva cerveja
morna
o bom filho a casa entorna

repito:
no corpo ai
meu amor
eterno fogo
tiro
nos cornos

e essa assombração lida
não sei onde imagem literária
como lenço que me enxuga
a testa tormento ruga
de poeta indigestão anorexia
o peixe não passa da garganta
até talvez até que um dia
a pele da cara cede
– espinha
ou metafísica?

repito:
ordeno

amor
dreno

inda assim resisto
ao tratamento
a alma se entregou ao mar?
lamento
rima me espera na esquina
vendo pra acabar
(delenda ou emenda?)
talento

exposto à porta da venda
bacalhau provolone
noz moscada
amen

doa
a quem
em mim
espreita
por trás do que ainda
me tenta

repito:
o corpo se esvaindo
em sonolência

(responda:
com quantos paus se faz
uma canoa pra conquistar
a cidadela de uma menina
à toa
que ora me olha
ora de uma toalha
se desfolha
me atordoa
navio fantasma
ponte de acesso
tosse
a mão que naufraga
a mão que num gesto
e nada)

repito:
me irrito

melhor:
quase nada
 clichê e apito
é pouco
pra quem inda pensa
na celebração
do rito de entrega
num lençol de capricho
de um hotel sem luxo
veja
acho que me chamo
lixo

repito:
no corpo é fogo

êxtase prêt-a-porter ducha
creme de barba
fluxo dentro
da bica
do box
águas

no corpo do fogo.

(AINDA) DA CRUELDADE

ela disse que me amava uma
duas e outra vez ainda
jurei segui-la a vida toda esquina
a esquina
o trote bêbado do cara
que eu já tinha visto em seu calção
noturno
ecoou tímpano e (de soslaio)
retina –o bastante
o seu adeus meu
tchau nevermore c'est la vie
que plagia e assina.

o momento suspende o tempo
e na janela nada
fora ou dentro
existe

e logo

caranguejo de apenas carne
(volta alguma coisa chamada sentido
voltamos da água à lama
tudo suor tudo secreção
tudo secreta) & cetim

roça-me o flanco
(nem mais janela
embora
de uma janela
a cidade intente adivinhar-nos
corpos)

despido enfim de seu aguja

já não cicio já não do vento
borbulha no teu cabelo

não claro-escuro, o momento claro
distingue parede e pele
à mais leve sugestão do tato

burundangas babugens
de tão perto
que o momento sendo
sentido

mas não poder ser

si

((len)te

senten)

cio

única perda

caranguejo de apenas carne. assim
meu amor te vê e canta

o vento
já não mais.
se aqui nunca
lá fora
parece
continua

venta muito lá fora e é da janela que agora
vemos. percebemos o tempo não mais suspenso
farfalhar e correntes cotidianas prendendo os
mesmos homens. ôni
bus vermelhos e a preta sobraçando doméstica
o pão.
voltamos de longe, parece, claro e escuro
recuperam seus lugares. deve ter alho na porta
da geladeira.
fica a imagem do tálamo.

DE DENTRO

quantos cortejos, amor, e essa cidade
deflagrada
no empire states da Senador Dantas.
paisagem familiar como um sonho bissexto
arrancada ao desejo.
a catilinária sem fim até os 20 anos
depois enfim me descobri:
eu quero mesmo é isso aqui.
onde passam as grandes causas
e as grandes pessoas por trás delas?
passam logo ali na Rio Branco
mas só em dias de semana.
aos sábados e domingos esse mundo é meu
piscadelas afagos e o estigma na palavra
obsceno.
aqui as grandes pessoas passam por trás de outras
sugerindo adivinhações:
o diâmetro a tumidez e erosão
da pica
(como o gerente do banco no banheiro
– que flagra!
cadastrando o segurança)
mais um café Capital. mais um troco, eu devia
ter estudado sociologia

pra fingir isenção.
eu devia caminhar até a Glória, fica logo ali
cantando de cor as pocemas que estrugem
na Toc Discos. mas só quando a gente pede pra ouvir
(com o Arnaldo. garoto daquele pintor famoso)
no ambiente microbiano e fuliginoso, por que não?
eu vou, de dez em dez minutos pergunto
as horas, pergunto pergunto
despeço-me, bendizendo e granjeando
o indulto do verdugo.
aquele astro de telecatch.
as bênçãos da diluição, as bênçãos
do reabastecimento pelo esfíncter.
nego, te faço, olha que mimo, olha
põe na tua mão que ele te molha
nego mina, fonte, mindubi. já devia ter comprado
um relógio, que horas são? mais um café
cota infinitesimal
um encanto aquele ali, por que não? eu vou
e logo logo vemos do alto dos Arcos
gretas e mais gretas e imaginamos
fotos da Terra tiradas de Marte.

A VOZ DO OSSO

vem
crivado vem
corpo ao agudo – as muitas pontas
ferindo as retinas
noturnas

sempre no entanto
bem delineado (esse que perco)
no espesso das sobancelhas

e a voz
que varia na maré da paixão sempre
a mesma
no entanto

que fique claro
dura quanto dure o hiato
essa que perco
que quanto mais me tem
mais me exaure

circundo toda fronteira que meu corpo impõe
com suas nervuras, pregas, vírgulas, gorduras
e o imberbe que me convive
desde o mais tosco aprendizado

trata-se de achar a melhor posição
– me digo
para que a cadeira acomode o corpo cansado.

trata-se, não tenho dúvida
de novamente escrever o banal
e no banal a caligrafia
despojada

novamente aqui
– é madrugada.
pensar que isto é retomar
é não ter a ânsia de findar o infindo

vem crispado

vem sangrando
como a alertar para a única saída:
não chegar prostrado

chegar
como quem

(como ensina o que ouço na rua
que usei há pouco
que uso –
ousado)
sai:

a fronteira já não do corpo
ou se
do corpo

(se se quiser)

daquele que ao fundo

–vai

ou se

resgata–

do poço.

IV

BLAGUES

os cotovelos esbarram em volumes vários
como expandir o corpo já(z)grande? por dentro
um desacerto ácido úrico 8 por cento
ácida ironia pela impotência de dizer
o mundo ao mundo em voz viajante
sem centro

álvares de azevedo parece que tb. tinha
problemas com a sua escrivaninha crescece
ou atenua que era bem mais novo
e não tivesse morrido tão cedo poderia
ter varrido de si o que era brinquedo
secreto impenetrável da adolescência
e ter apenas empilhado na memória
a desmemória do que interessa eu envelheço

não sei mais brincar o que é brinquedo
não sei mais quebrar o que é sagrado
fortuita desconfiança me ganha e a seguir
me perde quelle merde ando doído
atrás de um rabo ou de uma orelha
que esclareça de vez e já não tenho idade
o prazer da boutade a bondade indisfarçável
que na idade do micro espera o bonde

a passagem é muito cara e me divido
dos dois lados do balcão insolítico tenho pressa
e pouca grana sejamos explícitos troco
isso por aquilo facilito me despeço não sei
se me fui ou se me fico significo de qualquer
forma fico aqui fui pra lá desperdício

a não ser que eu pertença a uma raça
indestrutível que mais se alimenta
quando finge mortalmente ferida a não ser
quer dizer assim sou impura lâmina
que dispõe de amostragens da lama
que disseca o mar revolve os esgotos
as passagens subterrâneas iniludível

segredo é o risível dos velhos não o seu silêncio
brinquedo é o que não serve para brincar
do jeito que foi bolado só a quebra
o consagra só o olho inexperto nutre
esta voragem perdendo seu prefixo abrir abismos
todo meu sentido

me fazer de velho me fazer de vil
me ver incabível sobre a mesa desconfortável
ou no traço do poema rá! Quem eu possa
iludir com hemogramas tudo é grama
gramática do desconexo.

AULA DE TIRO

existe um pássaro no vôo
que se perde

provável
que o estampido o abata
que a gaveta o encerre
que a silhueta lateje
no estampado doméstico
que sua rota não
seja mais que a passagem
gotejante
que sua rota não

que seja não a sua rota
que ele prossiga
lugar nenhum
beira de nada, cais
de só cansaço
porto da morte

vôo estampido
cego às estrelas
rastros de profetas
pneus

uma gaveta d'água
transborda no vazio
nada

o pássaro

o profeta aponta
o mesmo chão de ontem
sem prever acidentes

o pássaro voa

as estrelas aguardam
guardavam
luz de não sabê-las

o pássaro perde

pneus sulcam o nada
marcas no abismo
transbordam de rumos

o pássaro provável
já desde o começo
não-ser
mais que sua rota

(AQUI
OUVE-SE O ESTAMPIDO)

TRAÇOS

para Fatima Lannes

o peixe
e seu feixe

(de letras
de ossos
de nervos
de sons
de raios
de fibras)
?

a carne
e seus avessos
suas faltas

o filho
e sua ilha

o pai
e sua queda
me ilho

o peixe e seu passeio
por entre
carne sons raios letras

tudoágua
– menos o peixe –

o feixe e seu captor
nesta naquela
água

líquida
solidificada

depois
para quem nadará o peixe?

seu captor
o exhibirá
em qual aquário?

respostas só virá
na supressão da perguntas
fazendo-(se) assim?

o raptor.

. o peixe. a captura.

as trelas

o peixe desatrelado

:

l r
t
e
a
s

anticardume

o feixe em sua água
o peixe em sua brasa
o Letes em sua carne
as letras em sua trela
o filho em seu aquário
a falta em seu avesso
o unicórnio em seu planetário
o hieroglifo em seu desperdício
a carne em sua água
a ilha em sua água
a água em sua água
a água em sua água

água água em sua água
água água em água água
água água água água

e

i

x

p

f

e

w

s

x

a

e

r

A ÁGUA PRIMORDIAL

O menino entra pela casa
e desde logo procura
pelo que já não está ali.
Procura um outro corpo
que também não –
pensa ter ouvido da voz
o leite do dia
o leite da noite.
Como nada encontrou
passa a procurar outras coisas
para sempre.

em separata:

O RISCO (DO LIVRO)

Iscar com o risco.
sem contar que pode
apenas
ser um cisco, que isto
às vezes é dos
óculos.

olhe bem ao fundo.
repare bem: junto
ao número
da página, de algumas
ao menos
não parece
riso?

(menos que riso
sorriso. ao sorrir
espera-se
o virar da folha
o olhar incerto em direção
a um espelho onde nada
se reflete)

assim, fica este
cisco, quer dizer,
risco
junto ao número.
e ao triscar a folha
ao trincar
o vidro
ao riscar a lente
(u(m)eu) desperdício.

Leitor, você é testemunha.

(apenas isso)

AFINAL...

... a publicação de *a tal chama o tal fogo* é sobretudo fruto de um capricho ardiloso de Marcelo Diniz. Vai dedicada a ele, pois.

Estes textos foram reunidos em 1989, os mais antigos são de 1983 ou 84. Depois de reunidos, lambi-os durante mais ou menos um ano até desistir de levar adiante a publicação. Aborrecia-me a idéia, como me aborrece até hoje, de ter de pagar para ser publicado: certo, sei que é histórico, sei que os maiores assim o fizeram e muitos, grandes e pequenos, ainda o fazem e não vai nenhum despreço meu pelos que assim procedem. Mas é que os minúsculos, os ínfimos o fazem também – e se não consigo me ver alinhado entre aqueles, a companhia destes me desalenta. Assim se passaram mais ou menos vinte anos, e o conjunto acabou esquecido numa das minhas antigas moradas.

Voltei a esses textos só em 2007, instado, repito, pelo Marcelo, que tinha falado da existência do livro ao Ricardo Pinto, à frente da Oficina Raquel. Procurei recusar o irrecusável, mas, dada a relação altamente profissional de que desde o princípio se revestiu o processo todo, e o prazeroso convívio com esses amigos, topei. Eram na montagem original 28 poemas. Suprimi

5, que julgo insalváveis. Mexi aqui e ali em uns e outros, repensei a ordem interna ao volume e acrescentei o texto, de 1989, que fecha o conjunto, e que não integrava o livro original.

Longe de mim querer fazer antipropaganda do meu livro: olho para estes textos, mas não sei se os leio, muito menos se gosto deles. Afinal, depois de certo tempo, desenvolvemos um olhar retrospectivo, que demora um tanto para que possa vir a se constituir também numa nova leitura. Mas o que me dá algum alento é me tocar que ainda hoje volto sempre aos mesmos poetas, sempre ao mesmos poemas –alheios– e me pego gostando deles cada vez mais. Pode ser que aconteça o mesmo com estes que escrevi há tanto tempo –praticamente o mesmo tempo que fiquei sem lê-los. De qualquer maneira, sem alardear paráfrase de Rimbaud, isso quer dizer que eu já não estou mais exatamente aqui –falo do presumível poeta, é claro. Mas estão aqui, ali e em todo lugar, e ainda os amo muito, Mallarmé e Baudelaire, Drummond e Bandeira, além das canções, sempre, de Paulinho da Viola e Jorge Ben. E nos textos que aqui vão gosto de reconhecer uma lírica urbana e uma lírica de “sentimento íntimo” do Rio –que mais e mais quero ver distante das exteriorizações bocós de qualquer carioquismo cultural, muito em voga

há algum tempo.

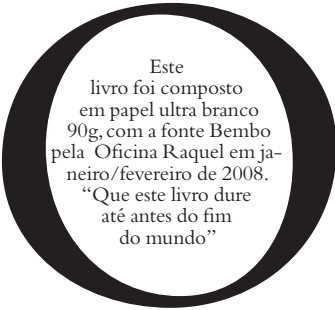
Se algum cômputo final ainda couber neste *Afinal*, o melhor do saldo está em que toda a movimentação propiciada pelo envolvimento com a publicação me fez reatar definitivamente com a escrita de poesia. Se aumenta a minha distância de leitor do que escrevi há vinte anos, por outro lado me faz desconfiar de que o que voltei a escrever, escrevendo novos poemas, é na verdade o ato de reescrever estes aqui.

ROBERTO BOZZETTI

Carioca de março de 1956, professor universitário, mora em Niterói desde 1979. Repele a idéia de que qualquer das informações acima tenha alguma coisa a ver com a misantropia que ciosamente cultiva, achando mais razoável atribuí-la ao parentesco com orangotangos, esses, desde Darwin pelo menos, semelhantes e irmãos – embora não leitores, como talvez Baudelaire apreciasse. Tem muito orgulho também, do parentesco com os bonobos, embora o máximo que tenha conseguido de próximo seja ter sido binubo. Já com os chimpanzés não percebe maior afinidade, muito menos com os gorilas, estes, coitados, pelas associações malevolamente feitas entre suas pessoas e os poderosos fardamentos usados no período de ditadura militar durante o qual cresceu.

Não se interessa por fazer novos amigos – novos leitores sim, embora não saiba se vale a pena o esforço. Mas gosta de gente em livro, mais até do que em fotografia ou filme. Além de gostar esteticamente do que vale a pena – só não vale é perguntar o que, por exemplo – tem como ídolos no mundo real Zé Trindade, Tião Macalé e Zé Bonitinho. E lamenta muito não ter encontrado ainda nada de Ivon Cury disponível na internet em MP3.

Não acredita em nada, por princípio. Nem no que lê e muito menos no que escreve. Não lê o que escreve.



Este
livro foi composto
em papel ultra branco
90g, com a fonte Bembo
pela Oficina Raquel em ja-
neiro/fevereiro de 2008.
“Que este livro dure
até antes do fim
do mundo”

de em separata

...

assim, fica este
cisco, quer dizer,
risco
junto ao número.
e ao triscar a folha
ao trincar
o vidro
ao riscar a lente
(u(m)eu) desperdício.

Leitor, você é testemunha.

(apenas isso)

